



AS CONTRIBUIÇÕES DE JOHN DEWEY E HANNAH ARENDT PARA AS PRÁTICAS DOCENTES

Tatiana Maria Ribeiro Silva¹
Felipe dos Reis Barroso²
Paulo Victor Falcão³
Jacques Therrien⁴

RESUMO

O presente artigo propõe uma análise cronológica dos conceitos de ciência filosófica e educação e apresenta um breve panorama de como esses conceitos estão relacionados. Para tanto, foram apresentadas e discutidas reflexões de alguns autores da área, bem como de que forma essas ideias historicamente influenciam e fomentam os debates acerca da Educação. As discussões aqui apresentadas decorrem de um estudo bibliográfico realizado em livros, publicações e artigos eletrônicos com o objetivo de ampliar o conhecimento e fomentar os debates em torno dos conceitos John Dewey e Hannah Arendt no que concerne à filosofia da educação e suas contribuições para o campo das práticas docentes.

Palavras-chave: Filosofia da Educação, John Dewey, Hannah Arendt, Práticas docente.

INTRODUÇÃO – ENTRELAÇANDO OS FIOS DA FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

Este trabalho trata-se de uma revisão teórica, através de uma pesquisa bibliográfica situada, não sistemática (COOPER, 1998), desenvolvida na disciplina de Teorias da Educação e Formação de Professores, ofertadas em um Programa de Pós-Graduação em Educação, e teve como objetivo geral apresentar o lugar do professor no processo educativo a partir das reflexões teóricas de John Dewey e Hannah Arendt, conhecidos por figurar como expoentes da filosofia da educação, ao lado de C. S. Peirce e W. James. Ademais, teve-se como objetivos específicos, apresentar a teoria do conhecimento destes autores, suas concepções acerca da essência humana, e a relação entre teoria e prática no contexto educacional, sobretudo no que concerne às práticas docentes.

¹ Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual do Ceará. Mestre em Saúde Coletiva pela Universidade Estadual do Ceará, psicóloga, Professora formadora da UAB/UECE. tatiana.ribeiro@uece.br.

² Doutorando em Educação pela Universidade Estadual do Ceará. Mestre em Administração pela DePaul University, advogado, professor e coordenador-adjunto no curso de Direito do Centro Universitário 7 de Setembro. barroso@uni7.edu.br.

³ Graduando do curso de Direito pelo Centro Universitário 7 de Setembro. falcaopaulovictor@gmail.com

⁴ Doutor em Educação pela Cornell University, USA. Pós-doutor pela Université Laval, Canadá e Universitat de Valencia, Espanha. Pesquisador Sênior do CNPq e Líder do Grupo de Pesquisa Saber e Prática Social do Educador. jacques@ufc.br

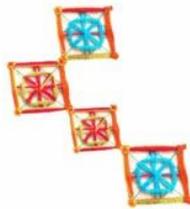


A palavra Filosofia remonta à Grécia antiga e foi utilizada pela primeira vez pelo matemático grego Pitágoras, ainda no século VI a.C. O termo significa amor e sabedoria, ou ainda, respeito pela sabedoria. Com o tempo, filosofia passou a designar não apenas amor à sabedoria, mas um tipo especial de sabedoria: aquela que nasce do uso metódico da razão. Os gregos deram contribuições importantíssimas à cultura ocidental e alguns pensadores, com esforço pessoal intelectual e intuitivo, chegaram a conclusões sobre a natureza humana e sobre o universo e essas contribuições permanecem até hoje.

O pensamento filosófico não parou de se desenvolver. Com base em ideias críticas, os filósofos buscavam investigar determinados números de generalizações e verdades absolutas, a fim de esclarecer e até mesmo compreender o ideal que estava por trás de determinados posicionamentos. Pode-se afirmar, portanto, que todo o caminho percorrido pelo conhecimento que se afirma na contemporaneidade advém dessa busca constante pelas questões que envolvem o ser humano e sua existência. Para Gramsci (*apud* BOTTER, 2012), um movimento filosófico só merece este nome na medida em que no trabalho de elaboração de um pensamento superior ao senso comum e cientificamente coerente, jamais se esquece de permanecer em contato com aquilo que simples, sendo que encontra nesse contato a fonte dos problemas que devem ser estudados e solucionados.

A atitude filosófica surge da vivência cotidiana e social numa perspectiva diferente daquela do senso comum. Nesse sentido, Chauí (2002) afirma que a primeira característica da atitude filosófica é negativa, ou seja, um dizer não ao senso comum, aos pré-conceitos, aos pré-juízos, aos fatos e às ideias da experiência cotidiana, ao que “todo mundo diz e pensa”. Já a segunda atitude filosófica é positiva, ou seja, consiste em uma interrogação sobre o que são as coisas, as ideias, os fatos, as situações, os comportamentos, os valores, etc. É também uma interrogação sobre o porquê de tudo e do próprio ser humano e uma interrogação sobre o como tudo é assim e não de outro modo (CHAUÍ, 2002).

Reflexão tem o sentido de concentrar-se sobre si próprio, são as suas próprias representações, ideias e sentimentos e nenhum pensamento filosófico se constitui sem reflexão. Assim, a filosofia compreende a busca de algo por si mesmo através da especulação e da reflexão. A reflexão filosófica se volta tanto para o pensamento sobre si mesmo, mas também está voltada para as relações do ser humano com a realidade que o cerca (CHAUÍ, 2002). Podemos acrescentar ainda que refletir é examinar com perícia, atenção e cuidado. Filosofar é atuar sobre o próprio conhecimento científico, interrogar-se sobre este saber, problematizando-o. Definir a filosofia como reflexão é ver nela um conhecimento não de primeiro grau, mas de segundo, um conhecimento do conhecimento,



um saber do saber.

A filosofia, por sua própria razão de ser, estimula o desenvolvimento da criticidade e da reflexão acerca do ser humano e, portanto, de todo o processo educativo e das teorias da educação desenvolvidas ao longo da história da humanidade. Nesse contexto estabelece-se uma forte ligação entre filosofia e educação. Sobre essa ligação, Teixeira (1959) afirma que as relações entre filosofia e educação são tão intrínsecas que John Dewey pôde afirmar que as filosofias são, em essência, teorias gerais de educação.

Está claro que se referia à filosofia como filosofia de vida. Sendo a educação o processo pelo qual os jovens adquirem ou formam "as atitudes e disposições fundamentais, não só intelectuais como emocionais, para com a natureza e o homem", é evidente que a educação constitui o campo de aplicação das filosofias, e, como tal, também de sua elaboração e revisão. Muito antes, com efeito, que as filosofias viessem expressamente a ser formuladas em sistemas, já a educação, como processo de perpetuação da cultura, nada mais era do que meio de se transmitir a visão do mundo e do homem, que a respectiva sociedade honrasse e cultivasse.

Ainda sobre a correlação entre filosofia e educação Dewey (apud TEIXEIRA, 1968) conceitua: "Se educação é o processo pelo qual se formam as disposições essenciais do homem - emocionais e intelectuais - para com a natureza e para os demais homens, filosofia pode ser definida como a teoria geral da educação". Na verdade, segundo Paviani (apud. Botter 2012, p. 20), somente nas definições atuais filosofia e educação são consideradas processos distintos. "Na sua origem, a filosofia é propriamente um projeto educativo; num segundo momento, a filosofia fornece os fundamentos do projeto pedagógico e a pedagogia vira uma consequência do projeto filosófico; num terceiro momento, a filosofia assume a tarefa crítica relativa às teorias educacionais."

A filosofia da educação procura fundamentar os princípios da educação que orientam a prática educativa, através de reflexões acerca dessas práticas. Desse modo, podemos apreender o seguinte ponto, exposto e elucidado por Ivan da Silva Pereira Sobrinho.

Em que se baseia a Filosofia da Educação? Sua resposta pode sofrer variações dependendo do que se conhece acerca de filosofia. A filosofia, do ponto analítico, é o estudo crítico e exploração dos conceitos e princípios das tradições religiosas, das certezas e argumentações, dos princípios e angústias da humanidade. É a reflexão sobre a reflexão, ou seja, é uma atividade reflexiva de segunda ordem, pois se sustenta sobre outras atividades reflexivas, outras maneiras de pensar; atividade baseada na análise crítica de seus próprios conceitos e pressuposições, a fim de entender suas maneiras de discussão e dedução, dentro de cada área da ciência intelectual (SOBRINHO, 2015, p. 03).

O conceito da palavra "educação" é muito debatido entre pesquisadores e estudiosos da temática, cada um com sua vivência social e acadêmica impressa em suas



contribuições literárias. Desta forma, em Filosofia da Educação, a filosofia se apresenta como forma de conhecimento e a educação como um problema a ser solucionado. Os dois termos juntos representam o estudo dos fundamentos das teorias e práticas educativas na sociedade. Logo, Filosofia da Educação reflete, por exemplo, sobre as relações existentes entre a educação e conceitos como conhecimento, democracia, profissionalização, doutrinação, socialização, treinamento, ensino e aprendizagem, no sentido de esclarecer essas noções, seus critérios de aplicabilidade e suas implicações (CHAVES, 2014).

Para o educador, a Filosofia da Educação constitui-se como um aparato mediador que se faz necessário na sociedade, por isso, sua primeira função é determinar os princípios e objetivos para a educação. No que concerne às teorias educacionais, estas não seriam possíveis sem uma reflexão que permitisse passar do conhecimento inerente ao senso comum ao senso filosófico. Só assim, a educação é capaz de assumir seu verdadeiro significado, conforme nos direciona Ivan Sobrinho, ao falar sobre a pedagogia freireana:

O pensamento de Freire (1992) está fundamentado no anseio de formar uma sociedade mais justa e igualitária, a partir da formação plena dos estudantes. Sua pedagogia enfatiza a necessidade de uma reflexão profunda sobre a prática educativa; para ele, a falta de reflexão faz da teoria apenas um discurso vago e a prática, por sua vez, torna-se uma mera reprodução alienada. Assim, é essencial que a teoria seja adequada à prática diária do professor; além disso, a prática crítica e a valorização das emoções devem estar lado a lado (SOBRINHO, 2015, p. 05-06).

Nesse contexto filosófico, dois pensadores contribuíram sobremaneira para o enriquecimento do ato de pensar a Educação enquanto ciência: John Dewey e Hannah Arendt, cujas contribuições para as práticas docentes serão discutidas no decorrer do artigo.

AS CONCEPÇÕES FILOSÓFICAS DE DEWEY E ARENDT

John Dewey (1859-1952) foi um filósofo norte-americano que influenciou educadores de várias partes do mundo. No Brasil inspirou o movimento da Escola Nova, liderado por Anísio Teixeira, ao colocar a atividade prática e a democracia como importantes ingredientes da educação. Um dos principais livros do educador, chamado de *Reconstrução da filosofia*, Dewey propunha reconstruir o significado e o sentido da filosofia dentro da sociedade, ou seja, a ciência filosófica serve como uma orientação moral, um órgão regulador de conflitos. O autor se assumia pertencente à uma corrente filosófica denominada de *pragmatismo*, uma corrente que “entende o homem como um



ser pensante, teórico e ativo, e não apenas pensante e teórico. O seu intelecto serve a sua ação, a sua vontade. O conhecimento humano retira o seu sentido e o seu valor desta determinação prática. A teoria precisa caminhar vinculada ao cotidiano, e vice versa.” (HESSEN, 2000).

No campo específico da educação, o pensamento de Dewey se insere na chamada educação progressiva, cujo objetivo nos anos iniciais do ensino, é educar a criança como um todo. O pilar dessa corrente pedagógica é o aprendizado através da realização de tarefas que estejam associadas aos conteúdos ensinados. Nesse contexto, atividades manuais e criativas ganham lugar de destaque no currículo e os alunos são incentivados a experimentar e pensar por si próprios.

Dewey, através da criação de uma escola-laboratório ligada à Universidade onde lecionava, testava diversos métodos pedagógicos. Ele acreditava que o estreitamento dos laços entre teoria e prática era necessário, uma vez que as hipóteses teóricas só teriam sentido se houvesse sua praticidade no dia-a-dia. Segundo ele, "O aprendizado se dá quando compartilhamos experiências, e isso só é possível num ambiente democrático, onde não haja barreiras ao intercâmbio de pensamento". (DEWEY, 1916).

Para que o processo de ensino e aprendizagem fosse efetivo bastava que, para Dewey, houvesse um determinado grupo de pessoas compartilhando experiências sobre a prática no dia-a-dia, comunicando-se, trocando ideias e sentimentos. Segundo ele, caberia à Instituição de ensino apenas servir como *locus* dessas práticas como uma reprodução da comunidade em tamanho menor, logo, a escola se tornava um espaço importante. Para ele, “o fim (resultados) da educação se identifica com os seus meios (processos) do mesmo modo, aliás, que os fins da vida se identificam com os processos de viver” (Dewey, 1971) e, assim, “enquanto vivo, não me estou, agora, preparando para viver daqui a pouco, estou vivendo. Do mesmo modo, eu não me estou em um momento preparando para educar-me e, em outro, obtendo o resultado dessa educação” (Dewey, 1971). A ênfase da educação é dada ao aluno e suas experiências de vida.

Hannah Arendt, segundo Briskievicz, “é uma pensadora contemporânea da condição humana no sentido mais amplo do termo. Ao se afirmar que há, em sua obra, uma ética, uma moral, uma epistemologia, uma pedagogia, uma ontologia, uma historiografia, entre outros, corre-se o risco de limitar o alcance de suas proposições e de diminuir o impacto de suas análises.” (Briskievicz, 2018). De outro modo, Hannah Arendt, em seu ato de escrever, revela toda a base de seu pensamento, perpassando por polêmicas e negando-se ao reducionismo.

Diversos posicionamentos políticos através de obras e comentários da autora

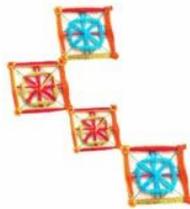


associam-se ao tema da educação, porém o ponto de partida se baseia na afirmação de que há uma determinada “ontologia da singularidade do ato de educar, ato intermediário entre o nascimento e a ação no mundo comum” (BRISKIEVICK, 2018). No ensaio publicado em 1958, intitulado *A crise na Educação*, Hanna Arendt problematizou a situação de crise no ensino primário e secundário norte-americano na década de 1950, porém o ensaio não se limita a esse contexto. A coletânea que continha o ensaio foi editada em português em 2006 com o título *Entre Passado e Futuro: Oito Exercícios sobre o Pensamento Político* (Relógio d’Água, tradução de José Miguel Silva).

No que se refere ao pragmatismo no campo pedagógico, Hannah Arendt discordava das ideias de John Dewey. O principal ponto de dissonância das ideias de Arendt em relação às de Dewey é a questão do “aprender fazendo”. Segundo a autora, a principal crise na educação é de responsabilidade dos adultos em relação às crianças e jovens e essa responsabilidade é o que faz a mediação entre crianças e jovens e a escola, uma vez que “a educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele” (Arendt, 1992) e também “onde decidimos se amamos nossas crianças o bastante para não expulsá-las de nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos” (Arendt, 1992). Hannah Arendt acreditava que a crise na educação era um fator negligenciado politicamente e que as autoridades responsáveis haviam deixado fugir o controle da situação, pois, segundo ela:

“quando se compara esta crise na educação com as experiências políticas de outros países no século XX, a onda revolucionária posterior à Primeira Guerra Mundial, os campos de concentração e extermínio, ou mesmo o profundo mal-estar que, sob a aparência de prosperidade, se espalhou por toda a Europa depois do fim da Segunda Guerra Mundial, toma-se difícil dedicar-se se na educação toda a atenção que ela merece. Com efeito, é tentador considerá-la como um mero fenômeno local, desligada dos problemas mais importantes do século, fenômeno cuja responsabilidade seria necessário atribuir a determinados aspectos particulares da vida dos Estados Unidos, sem equivalência noutros pontos do mundo.” (ARENDR, 1957. p.1).

Em um contexto semelhante de crise, os adultos, incluindo-se os educadores, não querem mais exercer a responsabilidade, no sentido de instruir, sobre as crianças e jovens, ou seja, a autoridade foi negligenciada pelos adultos quando se recusaram a assumir tal responsabilidade. Em resposta à essa falta de autoridade, segundo o pensamento de Arendt, fragmenta o mundo da criança tornando-a, assim, isolada do processo de preparação para a fase adulta, visto que lhe falta o modelo. Nota-se, assim, no pensamento de Hannah Arendt, que há uma relação estreita entre uma crise de autoridade e a atual crise no sistema educacional. Essa crise é revelada nas relações entre pais e filhos e entre professores e alunos, onde se observa a perda da responsabilidade pelo mundo. Para Arendt, a crise na educação, entretanto se revela como uma questão mais abrangente ao



contexto político do que pedagógico.

A discussão está embasada na fundamentação teórica levantada de obras e autores relacionados ao tema da pesquisa e conforme os conceitos apresentados neste estudo na qual, podemos constatar que a Filosofia e a Educação estão relacionadas, uma vez que o conhecimento filosófico orienta a prática pedagógica cotidiana. Essa prática pedagógica, através das mais diversas teorias, traz estudos filosóficos abrangentes e norteadores.

No contexto educacional filosófico discutimos as ideias de dois grandes autores: John Dewey e Hanna Arendt. Dewey propunha, através de seu pragmatismo, pensar o ato pedagógico como um ato livre, de descoberta, de troca de experiências e pensava a escola como o espaço social propício a essas trocas. Hannah Arendt discordava dessa forma de pensar a Educação e propunha uma retomada da autoridade e responsabilidade política a fim de solucionar o que ela chamou de *crise na educação*.

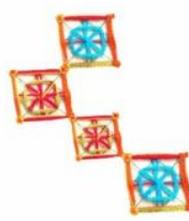
Na contemporaneidade as ideias dos autores supracitados encontram-se presentes, mesmo que inconscientemente, em projetos pedagógicos nas instituições de ensino, sejam eles dotados de um viés mais conservador ou mais libertário. Conhecer as correntes de pensamentos que orientam essas práticas é indispensável para o fazer consciente da atividade docente, onde o objetivo maior deve ser a eficácia do processo de ensino e aprendizagem e a busca por uma sociedade livre e justa que, através da educação, possibilite a construção de um novo modelo de sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Baseado em um levantamento bibliográfico, é possível inferir o contraponto entre as ideias dos filósofos John Dewey e Hannah Arendt. A crise na educação é revelada pelo naturalismo proposto por Dewey, uma vez que o autor propõe que o educador seja um mero estimulador da troca de experiências entre os estudantes. O ambiente social da criança não é natural, é um ambiente artificializado ignorado por Dewey.

É preciso levar em consideração a relação entre autoridade e responsabilidade, temas trazidos à luz por Hannah Arendt. A filósofa questiona o pragmatismo de Dewey e afirma que uma educação pautada na autoridade não é necessariamente uma educação arbitrária. Outro elemento levantado por Arendt é o desfalecimento da esfera pública que se associa à perda de autoridade dos educadores, consequentemente adultos, sobre as crianças e jovens.

No entanto a prática pedagógica é o elemento principal que possibilita a construção de uma nova sociedade. É preciso entender os conceitos construtivos das ideias de John Dewey e Hannah Arendt e analisar de que forma essas ideias podem



constituir alicerces no fortalecimento do processo de ensino e aprendizagem, pois, só assim, é que é possível a elaboração de um novo modelo de educação que possibilite a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah, *Entre Passado e Futuro, Relógio D'Água*, 2006.

BOTTER, Barbara; OLIVEIRA, Paulo Eduardo de (Org.). *Filosofia e Educação: Aproximações e Convergências*. Curitiba: Círculo de Estudos Bandeirantes, 2012.

BRISKIEVICZ, D. A. (2018). A ontologia da singularidade e a educação em Hannah Arendt: Uma preparação para o mundo. *Revista Portuguesa De Educação*, 31(1), 79-93. <https://doi.org/10.21814/rpe.12082>

CHAUI, Marilena. *Iniciação à filosofia*. São Paulo: Ática, 2012.

CHAVES, Eduardo. O.C. *A Filosofia da Educação e a Análise de Conceitos Educacionais*. Disponível em: <<http://www.cfh.ufsc.br/~wfil/chaves.htm>>. Acesso em: 27 de ago. de 2014.

DEWEY, J. *Democracia e educação. Introdução à filosofia da educação*. São Paulo: Ed. Nacional. 1916

FREIRE, P. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GIROUX, Henry A. *Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

HESSEN, Johannes, *Teoria do Conhecimento*. Martins Fontes: São Paulo, 2000,

LIBÂNEO, J.C. *Democratização da Escola Pública*. São Paulo: Loyola, 1999.